

MEMÓRIA EM/NA REDE: O DISCURSO ESCRAVOCRATA EM IMAGENS DIGITAIS DE BABÁS NEGRAS NO BRASIL

Geniece Ribeiro de Oliveira Cortes¹

RESUMO: Neste artigo, analisamos o funcionamento de efeitos de memória do discurso da escravidão inscritos em imagens digitais de babás negras brasileiras. A reflexão foi motivada pela polêmica gerada nas redes sociais em março de 2016, a partir da publicação de uma foto de uma babá negra que, em companhia dos patrões, empurrava o carrinho de um bebê, a caminho dos protestos realizados em 13/03/2016, no Rio de Janeiro, contra o governo da Presidente Dilma Roussef. O *corpus* do estudo foi constituído, além da foto já citada, por outras imagens de babás negras publicadas em *sites* da *internet*, como também do arquivo histórico brasileiro de fotos de mulheres negras escravas. O trabalho filia-se teoricamente aos aportes da Análise de Discurso (AD) de filiação pêcheuxtiana, em diálogo com alguns estudos das ciências sociais. O estudo mostra que as imagens das babás negras, tomadas para esta análise, funcionam em uma relação parafrástica de sentidos com outros enunciados históricos que remetem ao discurso da escravidão. Em outras palavras, inscreve-se em tais imagens, uma relação metafórica na qual ressoam os mesmos efeitos de sentidos, efeitos de memória do discurso da dominação do branco sobre o negro, em especial sobre a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Herança escravocrata; Imagens digitais; Memória discursiva; Mulher negra.

ABSTRACT: In this article, we analyze the functioning of memory effects of slavery speech inscribed in images of Brazilian black nannies. The reflection was motivated by the controversy generated on social networks in March 2016, after the publication of a photo of a black nanny who, in company with the bosses, pushed the cart of a baby on the way the protests on 13/03/2016 in Rio de Janeiro, against the government of President Dilma Roussef. The study corpus was established, in addition to the aforementioned photo for more images of black nannies published on Internet sites, as well as the Brazilian historical archive pictures of black women slaves. The work was affiliated theoretically the contributions of Discourse Analysis (AD) of Pêcheux membership in dialogue with some studies of social sciences. The study shows that the images of today's black nannies establishes a paraphrase relationship senses with other historical statements that refer to the discourse of slavery. In other words, a metaphoric relationship is inscribed in these images in which resonate the same effects of senses, memory effects of white domination of the discourse on the black, especially on black woman.

KEY-WORDS: Slave Heritage; Digital images; Discursive memory; Black woman.

Introdução

Interessa-nos neste estudo, analisar os efeitos de memória do discurso da escravidão inscritos em imagens digitais de babás negras do Brasil. O *corpus* foi constituído de recortes

¹Doutora em Letras/Linguística pela UFPE. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso – GPADIS. Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa (sem ônus) denominado: Gestos de leitura na/em rede: Análise discursiva de materialidades significantes em território virtual. *E-mail*: cortesgr@gmail.com.

das imagens publicadas em *sites* da *internet*, como também do arquivo histórico brasileiro de fotos de mulheres negras escravas. O estudo se insere na Análise do Discurso (AD) de filiação pêncheuxiana e também dialoga com pressupostos teóricos das ciências sociais.

Na perspectiva teórica assumida neste estudo, o hipertexto deve ser pensado a partir de seu funcionamento discursivo, articuladamente às condições de produção que ultrapassam o processo linguístico, pragmático e tecnológico da (hiper)textualização. A reflexão que ora desenvolvemos tem seu foco no discurso que se inscreve nas imagens e materialidades publicadas na *Web*² ou rede, sendo esta afetada pela exterioridade, logo, mobiliza a memória, os sujeitos históricos, inscritos em lugares sociais e discursivos.

O hipertexto é, pois, considerado aqui como um palimpsesto³, como um lugar de memória⁴. Conforme Cortes (2015), o hipertexto é também constituído de recortes da memória, tecido de forma não-linear, uma construção feita de muitas camadas, por isso pode ser considerado como um grande **palimpsesto eletrônico**, no qual ocorrem as constantes (re)atualizações das redes de memórias, que não se apagam com o processo de *deletagem* e novas postagens.

Considerações sobre a Análise do Discurso

Na Análise de discurso (AD) fundada por Pêcheux (1969, 1975), a língua é pensada como a materialidade específica do discurso, e este, por sua vez, como a materialidade específica da ideologia, sendo que a relação entre a ideologia e a língua afeta a constituição do sujeito e do sentido, que se constituem mutuamente. Desse modo, o discurso é entendido como efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 2009).

A noção de formação discursiva (FD), fundamental para a compreensão do conceito de **memória discursiva**, foi pensada primeiramente por Foucault (2012) e consiste em descrever as relações entre os enunciados, como também os sistemas de dispersão de um

² A Web 2.0 é um termo cunhado por O'Reilly (2005) para denominar uma nova plataforma da *internet* que possibilita a conversação síncrona ou assíncrona com os internautas.

³ De acordo com Ferreira (1996), o Palimpsesto significa “o que foi raspado novamente”, antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes, mediante raspagem do texto anterior.

⁴ A noção “Lugar de Memória” é preconizada por Pierre Nora (1984), e pode funcionar sob a forma de vários instrumentos, documentos, objetos etc, os quais carregam traços históricos, culturais e simbólicos da memória social.

mesmo campo discursivo para compreender as regularidades das distintas ordens discursivas e formações discursivas. A partir do pensamento foucaultiano, Pêcheux e Fuchs ([1969] 2010) ressignificam o conceito de FD pelo viés da teoria não-subjetiva do sujeito e da ideologia althusseriana, articulada à noção de condições de produção. Para os autores, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas e também se constituem num jogo de relações, mas relações ideológicas, relações de classe.

Quanto à noção de memória discursiva⁵, é teorizada por Courtine (2009) a partir dos estudos de Foucault, porém articuladamente à concepção de sujeito desenvolvida por Pêcheux. Para Courtine, a memória discursiva designa a existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos. E, na relação entre interdiscurso (memória longa) e intradiscurso (textualização), uma formulação-origem retorna na atualidade, produzindo o efeito de memória (COURTINE, 2009).

Pêcheux (2010) também discorreu sobre o importante papel da memória nos estudos discursivos. Conforme o autor, a memória discursiva, em face do processo de leitura, exerce o papel de restabelecer os implícitos ou os pré-construídos⁶ e discursos transversos, e, desse modo, a questão que se coloca para a AD é buscar esses implícitos “ausentes por sua presença”. Segundo ele, sob o choque do acontecimento funciona, na memória, um jogo de forças que pode instituir tanto a estabilização parafrástica, quanto a desregulação que traz perturbação à rede dos implícitos. Conforme assinala o autor, o jogo de forças, sob o qual funciona a memória discursiva, visa “[...] manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como ‘boa forma’, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento” (PÊCHEUX, 2010, p. 53), no entanto, nesse mesmo jogo, pode também ocorrer a ‘desregulação’ ou posicionamentos contrários aos sentidos já cristalizados na memória. Assim, a estabilização se dá quando novas formulações discursivas colocam em funcionamento a recorrência de sentidos já-ditos e, dessa forma, não se produz a “perturbação”, mas a regularidade e a regularização dos sentidos já pré-existentes na memória. Para melhor elucidar o conceito de estabilização parafrástica, recorreremos a

⁵ Convém ressaltar que a memória conforme tratada na AD não diz respeito à memória cognitiva nem à psicologizante.

⁶ O pré-construído é uma noção criada por Paul Henry (1992) e utilizada por Pêcheux para designar o que fala sempre antes em outro lugar. Para Pêcheux, o pré-construído é um elemento do interdiscurso que se inscreve no intradiscurso (textualização).

Orlandi (2012), a qual discorre sobre o funcionamento discursivo da paráfrase em oposição à polissemia. Nas palavras da autora:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco (ORLANDI, 2012, p. 36).

Logo, a paráfrase discursiva funciona quando um dizer já existente reverbera na atualidade de uma formulação, produzindo efeitos de estabilização dos sentidos, não havendo rupturas.

No presente estudo, preconizamos o funcionamento da estabilização parafrástica do sentido de servidão da mulher negra ao branco, um sentido já sedimentado no regime escravocrata, que retorna - em outra situação histórica, qual seja a de trabalho assalariado - materializado nas fotos de babás negras veiculadas na *internet*, que integram o *corpus* desta análise.

Todavia, no discurso pode também instaurar-se a polissemia, a perturbação dos sentidos, já que a memória funciona em uma relação de forças e constitui-se como um espaço dinâmico, heterogêneo, marcado pela contradição, pela tensão contínua:

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...] Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2010, p. 56).

Logo, na perspectiva da AD pêcheuxtiana, a memória jamais é concebida enquanto depósito ou reservatório, mas como espaço dinâmico e de contínuo movimento, como também o é a própria história. Para refletir sobre a memória discursiva, Pêcheux, além dos estudos de Foucault (1969), toma a noção de traços do pensamento de Ginzburg (1980, *apud* PÊCHEUX, [1982] 2011). O autor argumenta que o funcionamento discursivo da memória deve ser apreendido sob a perspectiva de um conjunto complexo de traços sócio-históricos, como um corpo de traços interdiscursivos.

O autor adverte, ainda, que a memória não se reporta aos traços⁷ corticais dentro de um organismo, nem aos traços cicatriciais sobre este organismo, mas “a um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries **de tecidos de índices legíveis**, constituindo um corpo sócio-histórico de traços (PÊCHEUX, [1982]2011, p. 142, grifos do autor). Desse modo, esse conjunto complexo de traços e indícios sócio-históricos, ao mesmo tempo em que alimenta e constitui a própria memória, é também por ela produzido, numa relação caracterizada pela contínua instabilidade e tensão.

Momentos de Análise

Iniciemos nossa análise a partir de uma foto publicada na *internet*, por ocasião de uma manifestação de protestos populares ocorrida no Brasil, no dia 13/03/2016, foto esta que “viralizou” nas redes sociais, gerou muita polêmica e inúmeros comentários. Vejamos a primeira Sequência Discursiva (SD):

SD1 - Figura 1: Babá negra com patrões brancos⁸



⁷ Esses traços, segundo Pêcheux (2011), dizem respeito a uma rede de “signos, traços e pistas”, conforme o paradigma indiciário postulado por C. Ginzburg (1980, *apud* Pêcheux, [1982]2011).

⁸ Fonte: Correio Braziliense online (13/03/2016). Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/03/14/internas_polbraeco.522052/memes-claudio-pracownik.shtml. Acesso em 15/03/2016.

A imagem é um dispositivo de funcionamento da memória, dos discursos. Pêcheux ([1982]2011) assinala que a condição essencial de produção e interpretação de uma sequência discursiva reside somente na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, que também, ao mesmo tempo, constitui o espaço de memória de uma sequência. Portanto, convém lembrar que a imagem é aqui tomada como esse corpo sócio-histórico de traços interdiscursivos, os quais, entretanto, não se encontram nas evidências da transparência da linguagem, pois “O não-dito da sequência não é, assim, reconstruído sobre a base de operações lógicas internas, ele remete aqui a um já-dito, ao dito em outro lugar [...]” (PÊCHEUX, [1982]2011, p. 146).

Para contextualizar, lembramos que a SD1 (Figura 1) constitui-se de uma foto do jornalista João Valadares, publicada em 14 de março de 2016 no Jornal Correio Braziliense *on-line*, que gerou grandes polêmicas nas redes sociais. Mostra uma babá negra que, em companhia dos patrões, empurrava o carrinho de um bebê, a caminho dos protestos realizados em 13/03/2016 (domingo), contra o governo Dilma Roussef, no Rio de Janeiro.

Na SD1 (Figura 1) é possível identificar o funcionamento dos lugares sociais e discursivos dos sujeitos, como também as formações discursivas que regulam o discurso. Os lugares sociais dos sujeitos estão evidentes nas fotos: no domingo de 13 de março de 2016, os patrões brancos, vestidos de verde e amarelo, se dirigiam aos protestos contra o governo da presidente Dilma Roussef, no Rio de Janeiro⁹. Acompanhando os patrões, temos a babá negra, uniformizada, empurrando o carrinho com o bebê.

Segundo Oliveira (2016) “O uniforme tem papel simbólico relevante na medida em que hierarquiza as relações. A roupa define o lugar de cada indivíduo, deixa claro quem manda e quem obedece, quem paga e quem recebe, quem dá direitos e quem tem deveres”¹⁰. Em nosso entender, a roupa, no caso da imagem da SD1, o uniforme usado pela babá não define o lugar social, mas é efeito do lugar social ocupado pelo sujeito, nesse caso, o lugar social de empregada da família ou empregada doméstica. Segundo Pêcheux ([1982]2011), o lugar social é determinado pelo modo de produção dominante. Nas palavras do autor:

⁹ Não adentraremos aqui nas questões da legitimidade ou não dos protestos, uma vez que o objetivo do estudo limita-se à análise dos efeitos de memória da escravidão negra no Brasil, através da foto da babá negra.

¹⁰ Blog com Jota, postado em 14/03/2016. Disponível em: <http://blogcomjota.blogspot.com.br/search/label/Uniforme%3B%20bab%C3%A1%3B%20%22Que%20horas%20ela%20volta%3F%22%3B%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%3B%20negros>. Acesso em 15/03/2016.

Dada uma formação social-econômica resultante da combinação de vários modos de produção, com um modo de produção dominante (no caso, o modo de produção capitalista), diremos que o modo de produção capitalista reparte-distribui os agentes humanos em um número de *lugares*, entre os quais em particular aquele da reconstituição e da manutenção da força de trabalho. Em relação a esse lugar, diferentes *posições* podem ser tomadas, em função de conjunturas institucionais [...] (PÊCHEUX, [1982]2011, p. 216-217)

Assim, as formações sociais imbricadas às formações ideológicas determinam os lugares sociais a partir dos quais os sujeitos enunciam os discursos. É o modo de produção capitalista que determina e reparte os lugares dos sujeitos inscritos na materialidade da imagem da SD1, ou seja, um casal de brancos no lugar social de patrões e uma mulher negra no lugar social de empregada doméstica/Babá.

No entanto, cabe também uma reflexão sobre o **lugar discursivo** ocupado pelos sujeitos do discurso inscrito na imagem da SD1. O lugar discursivo - enquanto uma categoria de análise na AD - foi proposta por Grigoletto (2005, 2008). A autora argumenta que o lugar discursivo é efeito do lugar social, sendo que estes se constituem mutuamente:

O sujeito do discurso, através de sua inscrição em um determinado lugar discursivo, vai se relacionar tanto com a forma-sujeito histórica e os saberes que ela abriga quanto com a posição-sujeito. Logo, o lugar discursivo situa-se no entremeio do lugar social, da forma e da posição sujeito (GRIGOLETTO, 2008, p. 56-57).

Para a autora, nem sempre há coincidência simétrica entre lugar social e lugar discursivo, já que este representa distintas formas de relação não somente com a forma-sujeito, mas com as distintas posições-sujeito, portanto, uma categoria bastante heterogênea.

Desse modo, podemos vislumbrar que, na SD1, o lugar social dos sujeitos brancos é o de patrões, que também ocupam o lugar discursivo de dominadores e a posição-sujeito de benfeitor social, por gerar o emprego para a Babá, além de outros empregados. Isto fica melhor elucidado, ao analisarmos a segunda sequência discursiva (SD2), constituída de um trecho da fala do patrão da babá, postada em uma rede social:

SD2 – Fala do Patrão da babá

“Ganho meu dinheiro honestamente, meus bens estão em meu nome, não recebi presentes de construtoras, pago impostos (não, propinas), emprego centenas de pessoas no meu trabalho e na minha casa mais 04 funcionários. Todos recebem em dia. Todos têm carteira assinada e para todos eu pago seus direitos sociais. [...]Ela é, no entanto, livre para pedir demissão se achar que prefere outra

ocupação ou empregador. [...] Sinto-me feliz em gerar empregos em um país que, graças a incapacidade de seus governantes, sua classe política e de toda uma cultura baseada na corrupção vive uma de suas piores crises econômicas do século.” [...] ¹¹ (grifo nosso),

O patrão está feliz por gerar empregos e se gaba de seus serviços prestados à sociedade, enquanto que a Babá, segundo ele, é “livre para pedir demissão se achar que prefere outra ocupação ou empregador.” Desse modo, o lugar discursivo de dominador funciona no entremeio do lugar social de patrão/empregador e na posição-sujeito de benfeitor da sociedade, das mulheres, dos negros, dos pobres, dos desempregados.

Tal discurso é o que pode e deve ser dito e autorizado pela Formação discursiva (FD) do empregador. No entanto, no interior do dito segundo o qual ela é “livre” para pedir demissão, caso “prefira” outra função ou outro empregador, há um não dito histórico de que ela, na verdade, não é livre assim para escolher sua função e seu lugar social, mas, ao contrário, como vimos na fala de Pêcheux ([1982]2011), esse lugar já é determinado pelo modo de produção capitalista, como também pela determinação histórica da condição escravocrata dos negros no Brasil.

Na imagem (SD1) ressoa, pois, uma memória da relação de dominação dos brancos sobre os negros no Brasil. Ressaltamos, neste estudo, em especial, a condição da mulher negra, a qual historicamente ocupou o lugar de escrava, mucama, ama e doméstica, sempre a serviço dos brancos. Na verdade, ela ocupa o **não-lugar**¹², posto que sofreu e ainda sofre pelo processo de exclusão e segregação social, um sentido que a ideologia busca naturalizar na SD1, quando o sujeito patrão assume a posição de benfeitor, porque, afinal lhe oferece um emprego.

Por seu turno, o sujeito mulher negra da SD1 também ocupa um lugar discursivo, qual seja, o de dominada, que funciona no entremeio do lugar social de empregada doméstica e da posição-sujeito de beneficiária do patrão. Portanto, ela é tão livre quanto os negros do pós-abolicionismo. ... Conforme salienta Nogueira:

Libertos da situação de cativo, quando da promulgação da “Lei Áurea”, continuaram, porém, excluídos, despossuídos. [...] Embora juridicamente capazes de ocupar um lugar na sociedade, os negros eram, de fato, dela excluídos e impedidos de desfrutarem de qualquer benefício social, foram

¹¹ Texto publicado em uma rede social e posteriormente também publicado no site Extra.globo.com em 15/03/2016. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/o-pobre-que-sofre-diz-angelica-baba-de-foto-polemica-em-manifestacao-rv1-1-18876978.html>.

¹² Noção criada por Augé (2005) para designar um espaço não identitário dos sujeitos nas relações sociais.

marginalizados, estigmatizados, marcados pela cor que os diferenciava e discriminados por tudo quanto essa marca pudesse representar. (NOGUEIRA, 1998, p. 15)

Assim, a imagem da SD1 institui um sentido parafrástico¹³ em relação ao discurso fundador da escravidão negra no Brasil. Para verificar o funcionamento discursivo dessa memória, vamos mostrar outras imagens nas quais a mulher negra ocupa um lugar de submissão ao senhor, dono ou patrão branco, em especial, imagens de amas de leite e amas-secas (Babás), nas sequências discursivas abaixo:

SD3 – Ama seca com criança nas costas¹⁴



Eis aí a cena da servidão da mulher negra ao seu “dono” branco, um sentido que se repete ao longo da história. Nesse período histórico, segundo Freyre (1977):

O conjunto de servos de um sobrado tipicamente patriarcal compunha-se, no Brasil dos meados do século XIX, de cozinheiros, copeiros, **amas de leite**,

¹³ Conforme já ressaltado anteriormente, o sentido parafrástico se institui pelo retorno do já dito na atualização de uma formulação discursiva, quando não há ruptura de sentidos nessa nova formulação.

¹⁴ Salvador, década de 1880. Coleção Aparecido Jannir Salatini. Disponível em: http://www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/koutsoukos/img/th_27.jpg. Acesso em 30/03/2016.

carregadores d'água, moleques de recado, mucamas. Estas dormiam nos quartos de suas amas, ajudando-as nas pequenas coisas da toalete, como catar piolhos, por exemplo. Às vezes, havia escravos em exagero. [...] (FREYRE, 1977, p. 67-68). (grifo nosso).

Na atualidade também há um “exagero” de desempregados, aguardando as benesses de um patrão que possa dar um emprego de Babá ou doméstica à mulher negra.

Vejamos a sequência discursiva número 4:

SD4 – Ama brincando com criança¹⁵



Na imagem da SD4, inscreve-se, no dito de uma simples brincadeira, um efeito de sentido de dominação, de domaçoão, de domesticaçoão. Nessa imagem, a mulher negra e ama seca não esboça qualquer sentimento de alegria por estar “brincando”, antes a imagem denuncia que ela era tratada como um animal de carga, afinal ela tinha muitos deveres na casa grande:

A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes

¹⁵ Petrópolis – RJ, 1889. Coleção G. Ermakoff (Rio de Janeiro). Disponível em: http://www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/koutsoukos/img/th_29.jpg. Acesso em 30/03/2016.

para substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. (QUINTAS, 2005, p. 164).

Eis a imagem funcionando como operadora de memória (DAVALLON, [1983] 2010). E as imagens não cessam de produzir efeitos de memória, como ocorre na SD1, na qual a mulher negra empurra o carrinho dos filhos dos brancos (SD1), mera coincidência? Observemos a sequência discursiva número 5:

SD5 – Ama com criança no colo.¹⁶



A imagem da SD5, segundo Koutsoukos (2007), faz parte de um acervo de fotos de “amas sem rosto”, considerando que o objetivo era fotografar apenas a criança. Todavia, ironicamente, o braço negro é bem salientado na imagem, afinal conforme a ideologia vigente na FD escravista do dominador, o negro ou a negra não tem rosto ou face, não tem identidade, mas reduz-se somente a um **braço**, pois o que importa é o seu trabalho braçal, uma “máquina” de trabalho, como sinalizam Pinto e Ferreira: “O africano escravizado era objeto – máquina de trabalho e produto mercantil de grande valor – desprovido da condição humana” (PINTO e

¹⁶ Recife, 1866-1870. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. CFR 6816. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/koutsoukos/4.html>. Acesso em 30/03/2016.

FERREIRA, 2014, p. 258). Por isso mesmo ele não tem direito a um lugar na sociedade, mas vive a realidade do **não-lugar**, como mostra Augé: “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar.” (AUGÉ, 2005, p. 67).

Assim, a ama negra, cuja face apaga-se perante o dominador, tem, no entanto, braços fortes que simbolizam sua força de trabalho, apenas o que interessa na sociedade escravista. E já que não tem identidade, também não tem lugar. Sem identidade, seu valor reduzia-se apenas à produção, à condição de “coisa”, propriedade do senhor, não tinha o direito de criar seus próprios filhos, porque seus braços pertenciam ao seu dono branco, cujos filhos reclamavam seus cuidados. O estudo de Giacommini aponta esta realidade:

A existência de “mães-pretas” revela mais uma faceta da expropriação da senzala pela casa-grande, cujas consequências inevitáveis foram a negação da maternidade da escrava e a mortandade de seus filhos. Para que a escrava se transformasse em mãe-preta da criança branca, foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe de seu filho preto. A proliferação de nhonhôs implicava o abandono e a morte de moleques (GIACOMINI, 1988, p. 51-52).

Na atualidade, como vimos na imagem da SD1, a história da servidão da mulher negra ao senhor branco se repete, embora com outras nuances. É através da repetibilidade que a memória discursiva funciona. Conforme Indursky (2011) é sob a repetibilidade que a noção de memória pode ser convocada em AD.

Os sentidos, à força de se repetirem, podem acabar por se modificar, de modo que as redes discursivas de formulação, formadas a partir de um regime de repetibilidade, vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória (INDURSKY, 2011, p. 76).

Entretanto, tais formulações tanto podem produzir o mesmo sentido – a exemplo de uma relação metafórica, em que uma palavra é tomada pela outra instituindo uma voz parafraseadora – como pode também produzir uma ressignificação, quando o discurso fundador é questionado, denunciado. Todavia, para que esta ressignificação ocorra, é necessário que “o sentido primeiro ressoe junto com os novos sentidos, funcionando como uma presença-ausente. É o memorável que aí ressoa. Não dá para interpretar uma atualidade sem a sua memória.” (INDURSKY, 2011, p. 86). Logo, a realidade da Babá negra empurrando o carrinho do bebê dos patrões brancos só pode ser interpretada à luz da memória do regime escravocrata em nosso país. Nas imagens ora analisadas, institui-se, portanto, uma

relação metafórica parafrástica entre a SD1 (imagem atual da Babá negra) e as SDs 3, 4 e 5, (imagens de Amas negras/escravas), considerando que o efeito de sentido produzido é o da dominação da mulher negra pelo empregador/senhor branco, respectivamente. Melhor dizendo, a relação metafórica parafrástica se institui na medida em que o sentido de **servidão** da mulher negra ao branco, que já funcionava no discurso escravocrata, se repete na formulação discursiva da imagem da Babá negra que acompanha os patrões brancos, na relação de trabalho assalariado.

Além da imagem da SD1, esse discurso vai ganhando regularidade e estabilização, por meio de sua inscrição em outras imagens, conforme é possível verificar nas próximas sequências discursivas:

SD6 – Fernanda Lima com as Babás e os filhos¹⁷



SD7 – Fernanda Lima exhibe foto de Babás sem uniformes.¹⁸

¹⁷ Foto publicada na rede social Instagram, da atriz Fernanda Lima, em 03/08/2015. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/08/a-licao-que-fica-do-caso-fernanda-lima-e-as-babas-negras.html>. Acesso em 20/03/2016.

¹⁸ Reprodução do Instagram de Fernanda Lima em 03/08/2015. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/08/apos-postar-foto-de-babas-fernanda-lima-e-criticada-e-chamada-de-sinha.html>. Acesso em 20/03/2016.



"Aqui em casa não tem essa de babá vestida de branco! Olha o grau das mina"¹⁹

Esta imagem (SD7) é exibida na rede social como um troféu, um prêmio oferecido às profissionais por não estarem uniformizadas, mas, ao contrário, estarem vestidas em **grande estilo**: “Olha o grau das mina”. Entretanto, tal fato não apaga, apenas mascara, a relação de dominação e da hierarquia patroa/empregada. O que se inscreve na legenda e nas fotos é o discurso da FD patronal, com a repetição da posição-sujeito benfeitor social, a mesma que funciona na SD2.

Todavia, institui-se uma ruptura de sentidos no discurso de uma leitora, a qual postou o seguinte comentário na rede social:

SD8 – Comentário de uma leitora e seguidora da atriz no Instagram²⁰

"O mais triste desse país não é o fato de estarem vestidas de branco ou não, é o fato de sempre vermos pelo passado escravocrata esse tipo de foto, a sinhá branca falando 'olha, minhas negras não vivem na senzala, são da casa'. Pode até tratar bem, mas infelizmente elas sempre serão as babás e a sinhá sempre será a boazinha, tipo Princesa Isabel. Um dia, neste, país ainda vamos ver os negros no poder e não só subalternos como essa foto".

Logicamente, o discurso da SD8 filia-se à formação discursiva antirracista e antiescravista e o sujeito discursivo ocupa a posição de resistência ao discurso racista e

¹⁹ Legenda da foto postada por Fernanda Lima no Instagram em 03/08/2015.

²⁰ Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/08/apos-postar-foto-de-babas-fernanda-lima-e-criticada-e-chamada-de-sinha.html>.

escravista. Segundo Pêcheux (2010), “sob o mesmo” da recorrência, da repetibilidade, pode irromper o jogo metafórico como outra possibilidade discursiva. É possível verificar esse funcionamento discursivo na SD8, ou seja, a leitora mencionada, ao visualizar a imagem das profissionais Babás negras (mesmo sem uniformes) postada pela patroa branca, para produzir sentidos, mobilizou a memória do período escravocrata no qual as amas negras criavam os filhos dos senhores brancos e assim instaura um efeito de memória com deslocamento de sentidos, ao ocupar a posição-sujeito de resistência.

Vejamos a última sequência discursiva deste estudo:

SD9 - Vanessa Loes passeia com a Babá e os filhos²¹



As SD9 também estabelece uma relação metafórica com efeito parafrástico em relação às imagens anteriores, uma vez que a mulher branca ocupa o lugar social de patroa/empregadora, equivalente ao lugar social da “senhora” ou “sinhá” da Casa Grande do Brasil escravocrata, enquanto que a mulher negra ocupa o lugar social subalterno de empregada doméstica/Babá dos filhos da branca. A imagem da SD9, assim como as imagens já mostradas, produzem efeitos de memória da herança escravocrata, nas quais ressoam a voz parafraseadora da dominação dos senhores brancos sobre os negros, em cujo processo a

²¹ Foto: Wallace Barbosa- AgNews, 13/07/2014. Disponível em:
<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/07/vanessa-loes-veste-camis-a-rubro-negra-e-leva-filhos-para-passear.html>. - Acesso: 20/03/2016.

mulher negra ocupa os lugares de escrava, ama, mucama, etc. Conforme esclarece Nascimento:

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadoras rurais [...] Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser mulher de raça negra, como por terem sido escravos seus antepassados. (NASCIMENTO, 2007, p. 104)

Tal processo se instaura graças ao trabalho da memória discursiva, pois, como esclarece Courtine:

[...] toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta - faz circular - formulações anteriores, já enunciadas [...] toda formulação apresenta em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega [...] isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos. (COURTINE, 2009, p.104)

Desse modo, a produção discursiva materializada nas imagens analisadas faz circular o enunciado histórico da dominação da mulher negra no Brasil, logo, um efeito de sentido parafrástico, pois se repetem posicionamentos ideológicos da formação discursiva escravocrata. No entanto, na SD8, constituído do comentário da leitora da rede social, instaura-se um efeito de sentido que refuta, denega os saberes da FD da escravidão da mulher negra.

Considerações finais

Com base nos aportes da AD de filiação pêcheuxtiana, analisamos as sequências discursivas aqui apresentadas, tomando-as como corpos sócio-históricos de traços (inter)discursivos, como espaço de inscrição, (re)produção, transformação e/ou refutação da memória. Nossa leitura consistiu, como orienta Pêcheux (2011), em estabelecer relações das materialidades linguísticas do *corpus* com a história, com a exterioridade, com vistas a

ultrapassar a transparência da linguagem e assim buscar os efeitos de memória construídos no discurso.

A análise mostra que as sequências discursivas, constituídas de imagens atuais de mulheres negras, que ocupam o lugar social de Babás dos filhos dos patrões brancos (SD1, SD6, SD7 e SD9), funcionam, em uma relação parafrástica de sentidos, com outros enunciados históricos que remetem ao discurso da escravidão, a exemplo das sequências discursivas constituídas de imagens históricas de amas de leite e amas secas que também cuidavam dos filhos dos senhores brancos (SD3, SD4 e SD5).

Nesse processo de análise, foi possível observar os lugares sociais e discursivos ocupados pelos sujeitos, como também as posições discursivas assumidas, quais sejam: de um lado, o lugar social dos senhores e patrões brancos, ocupando também o lugar discursivo de dominadores e a posição-sujeito de benfeitores dos negros; de outro lado, as mulheres negras, ocupando o lugar social de servas, Amas ou Babás dos filhos dos brancos, as quais também ocupam o lugar discursivo de dominadas e a posição-sujeito de beneficiárias da suposta “bondade” dos brancos em conceder-lhes empregos.

Nesse jogo discursivo, as imagens das Babás negras da atualidade colocam em rede, fazem circular formulações anteriores da dominação branca, restabelecem os implícitos e pré-construídos da escravidão no Brasil, especialmente da servidão da mulher negra. O discurso escravocrata, inscrito nas imagens antigas das amas negras, é reinscrito nas imagens das atuais Babás negras de crianças brancas, operando, assim, uma continuidade da “herança escravocrata”, como destaca Nascimento (2007).

Como já mencionado, as imagens atuais das Babás negras foram publicadas em jornais *on-line* e em redes sociais, *sites* constituídos da tecnologia da *Web 2.0*, que permite a participação do leitor, através da seção de comentários. Embora não tenha sido nosso objetivo aqui analisar os comentários dos leitores²², destacamos que se trata de um espaço que pode funcionar como resistência ou anuência aos discursos que circulam na rede virtual. E, como mostramos na **SD8**, na qual vislumbramos uma posição-sujeito de resistência ao discurso da “herança escravocrata”, o sujeito do discurso pode se movimentar, resistir e provocar

²² Para tanto, recomendamos a leitura do capítulo V da nossa Tese de Doutorado (CORTES, 2015), na qual se faz a análise da seção de comentários de *posts* em *Blogs* de divulgação científica.

deslocamentos de sentidos, afinal a mesma rede que prende, também possui furos que permitem o escape, “réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2010).

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 graus Editora, 2005.
- CORTES, G. R. de O. *Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? Trad. J. H. Nunes. In: ACHARD, Pierre *et al. Papel da memória*. Campinas-SP, Pontes Editores, ([1983] 2010), 3ª Ed. p. 23-31.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2012.
- FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977.
- GIACOMINI, S. M. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- GRIGOLETTO, E. Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E. (Orgs.) *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 47-79.
- GRIGOLETTO, E. *O Discurso de Divulgação Científica: Um Espaço Discursivo Intervalar*. 269 f. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F., MITTMANN, S. e FERREIRA, M.C.L. (Orgs.) *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas –SP: Mercado das Letras, 2011, p. 67-89.
- KOUTSOUKOS, S. S.M. Amas na fotografia brasileira da segunda metade do século XIX. In: *Projeto Representações imagéticas de africanidades no Brasil/Programa Cultura e Pensamento*, 2007. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/koutsoukos/4.html>. Acesso em 10 jul 2016.
- NASCIMENTO, B. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTS, Alex (Org). *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007, p. 102-108.
- NOGUEIRA, I. B. *Significações do corpo negro*. 146 f. (Tese de Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo: 1998.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Trad. Yara A. Khouri. In: Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10,dez.1993, p. 1-22. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em 10 set 2016,

- OLIVEIRA, J. O uniforme da babá. In: *Blog com Jota*, 14/03/2016. Disponível em: <http://blogcomjota.blogspot.com.br/2016/03/o-uniforme-da-baba.html>. Acesso em 14 mar 2016.
- O'REILLY, T. *What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. Conferência proferida em 30/09/2005. Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em 10 abr 2013.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Leitura e Memória: Projeto de Pesquisa [1982]*. Trad. E.P. Orlandi. In: ORLANDI, E.P. (Org.) *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. São Paulo: Pontes Editores, 2011, p. 141-150.
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. Trad. J. H. Nunes. In: ACHARD, Pierre *et al. Papel da memória*. Campinas-SP, Pontes Editores, ([1983] 2010), 3ª Ed. p. 49-57.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª Ed. Trad. E.P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2009.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. Trad. Péricles Cunha. In: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, [1975]2010.
- PINTO, M. C.C. e FERREIRA, R, F. *Relações Raciais no Brasil e a Construção da Identidade da Pessoa Negra*. In: *Pesquisas e Práticas Psicossociais – PPP*, n. 9(2), jul/dez. 2014, p. 257-266.
- QUINTAS, F. (Org.). *As melhores frases de Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

Artigo recebido em fevereiro de 2017.
Artigo aceito em abril de 2017.